

Um Olhar Gestáltico Na Elaboração do Luto pela Perda Gestacional:

uma revisão de literatura

A Gestaltical Look at the Development of Grief for Pregnancy Loss:

a literature review

Érica Cristina Vendruscolo¹

Profa. Andréa Batista Magalhães²

Resumo: Introdução: a perda gestacional é uma experiência marcante que pode gerar intenso sofrimento emocional e psicológico. Este estudo busca compreender, através de um olhar gestáltico, os impactos desse tipo de perda e os processos de elaboração do luto, analisando como diferentes fatores influenciam a vivência e o enfrentamento dessa dor. **Metodologia:** a pesquisa se baseia em uma revisão bibliográfica, reunindo a análise e síntese qualitativa de quatro estudos que discutem o luto gestacional, suas particularidades e formas de acolhimento. **Resultados e Discussão:** os resultados indicam que a maneira como a perda é vivida pode variar de acordo com aspectos emocionais, sociais e culturais, sendo fundamental um suporte adequado para a ressignificação dessa experiência. A discussão ressalta a importância de um olhar sensível e humanizado, que reconheça a profundidade do sofrimento e possibilite um processo de luto mais saudável. **Considerações Finais:** conclui-se que estratégias de acolhimento e apoio emocional desempenham um papel essencial na reconstrução do sentido diante da perda, contribuindo para a adaptação e bem-estar das pessoas enlutadas. Além disso, percebeu-se que, apesar de o tema ser discutido sob uma perspectiva fenomenológico-existencial, não foram encontrados estudos específicos da Gestalt-Terapia que abordem diretamente a elaboração do luto gestacional. Recomenda-se que futuras investigações

¹ Érica Cristina Vendruscolo. Graduanda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

² Profa. Dra. Andréa Batista Magalhães. Psicóloga Obstétrica e Perinatal. Doutora em Psicologia da Saúde.

explorem a relação entre a Gestalt-Terapia e a perda gestacional, analisando como seus princípios podem ser aplicados na prática clínica e quais benefícios essa abordagem pode trazer para a vivência do luto.

Palavras-Chave/Descritores: perda gestacional, Psicologia, luto, luto materno.

Abstract: Introduction: gestational loss is a remarkable experience that can generate intense emotional and psychological suffering. This study seeks to understand, through a gestalt perspective, the impacts of this type of loss and the processes of mourning, analyzing how different factors influence the experience and coping with this pain. **Methodology:** the research is based on a bibliographical review, bringing together the analysis and qualitative synthesis of four studies that discuss gestational bereavement, its particularities and ways of dealing with it. **Results and Discussion:** the results indicate that the way in which the loss is experienced can vary according to emotional, social and cultural aspects, and that adequate support is essential for reframing this experience. The discussion highlights the importance of a sensitive and humanized approach that recognizes the depth of suffering and enables a healthier mourning process. **Final Considerations:** it was concluded that welcoming strategies and emotional support play an essential role in reconstructing meaning in the face of loss, contributing to the adaptation and well-being of the bereaved. Furthermore, it was noted that, although the topic is discussed from a phenomenological-existential perspective, no specific Gestalt therapy studies were found that directly address the development of gestational bereavement. It is recommended that future research explore the relationship between Gestalt therapy and gestational loss, analyzing how its principles can be applied in clinical practice and what benefits this approach can bring to the experience of bereavement.

Keywords: gestational loss, Psychology, grief, maternal bereavement.

Introdução

O luto e os processos de morte e morrer sempre fizeram parte da existência humana, sendo experienciados e interpretados de diferentes formas ao longo da história. Cada civilização, com suas particularidades culturais, construiu representações próprias e desenvolveu formas específicas de lidar com as questões da finitude (Martins & Albuquerque Lima, 2014). Esses costumes, rituais e crenças refletem não apenas as perspectivas de cada sociedade sobre a morte, mas também sua compreensão da vida e do vínculo com o que consideram sagrado (Fukumitsu, 2018).

Nesse contexto, a Psicologia surge como uma das disciplinas que, em diálogo com outras áreas do conhecimento, busca entender o impacto da morte e do luto na psique humana, explorando como esses processos afetam as emoções, as relações e a identidade dos indivíduos. Ao longo das décadas, a Psicologia desenvolveu teorias e práticas para apoiar aqueles que enfrentam a dor da perda, investigando como os processos de luto se manifestam e como podem ser elaborados, ajudando o ser humano a ressignificar suas experiências com a finitude (Gonçalves & Bittar, 2016).

Dessa forma, a Psicologia entende o luto principalmente como uma resposta natural diante de uma perda significativa, sendo uma experiência comum que a maioria das pessoas enfrenta em algum momento da vida (Santos, 2017). Cada perda significativa, seja de algo simbólico ou concreto, desencadeia um processo de luto que envolve ajustes emocionais, cognitivos e comportamentais. De acordo com Fukumitsu (2012), o luto pode ser compreendido como um processo de adaptação que permite ao indivíduo reorganizar sua vida diante da ausência, o que implica em reconhecer e aceitar a realidade da perda, suas consequências e as diferentes formas de ressignificar e lidar com ela.

Tendo isso em vista, sabe-se que, desde a década de 1980, muitas abordagens teóricas desenvolveram conceitos em torno do fenômeno do luto e propostas interventivas com

enlutados, dentre elas a Gestalt-Terapia.

A Gestalt-Terapia é uma abordagem humanista e experiencial, centrada no “aqui-e-agora”, que enfatiza o ser humano como um ser-em-relação, moldado pela sua forma de estar no mundo e pela escolha radical de sua existência no tempo, numa incessante busca por se encontrar e compreender sua própria finitude. Nesse sentido, a abordagem gestáltica vê o ser humano como inerentemente relacional, capaz de ampliar sua consciência em relação a si mesmo e ao meio, promovendo uma percepção integrada de sua existência (Cardella, 2002).

Assim, entre as diversas reflexões que a Gestalt-Terapia propõe sobre a vida, destaca-se também a necessidade de refletir sobre a morte, sobre quem somos, quais são nossas crenças e quais narrativas construímos acerca da finitude humana. A confrontação com essa realidade nos desafia a lidar com as perdas concretas e simbólicas que ocorrem ao longo da vida (Alves & Araújo Celestino, 2020). Dentre elas, a perda gestacional, em particular, emerge como uma experiência singular e dolorosa.

Ela refere-se, portanto, à interrupção da gestação antes do nascimento do bebê, podendo ocorrer em diferentes estágios da gravidez e de forma espontânea ou provocada por complicações. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (2024), uma em cada quatro gestações resulta em algum tipo de perda gestacional, seja no início da gravidez ou em estágios mais avançados. Segundo Amthauer et al. (2016), os tipos de perda gestacional incluem: aborto espontâneo (interrupção da gestação antes da 20ª semana), aborto tardio (perdas que ocorrem entre a 20ª e a 24ª semana), natimorto (quando um bebê nasce sem vida após a 20ª semana de gestação), perda gestacional provocada (interrupção da gestação intencionalmente induzida por alguma razão) e perda ectópica (embrião implantado/fecundado fora do útero).

Essa experiência afeta um número significativo de mulheres e famílias em todo o mundo, gerando impactos físicos, emocionais e relacionais profundos, frequentemente silenciados pela sociedade (Visintin et al., 2020). Entre as consequências, estudos qualitativos

como os de Camarneiro et al. (2015) destacam complicações de saúde física, como mal-estar, fadiga e dor crônica, além de sintomas psicológicos, como ansiedade, depressão, tristeza, raiva, culpa e medo. Esses sentimentos não só refletem a dimensão da perda, como também afetam a dinâmica familiar e o relacionamento entre parceiros, especialmente quando há dificuldade de comunicação e apoio mútuo. Além disso, o sofrimento pode ser intensificado pela falta de suporte social adequado e pela incompreensão associada ao estigma social em torno da perda gestacional (Barth et al., 2020).

Frente a essas experiências de perda e aos desafios impostos, o processo de luto se torna uma resposta emocional natural e necessária. O luto gestacional envolve não apenas a dor pela perda do vínculo com o bebê, mas também o confronto com expectativas interrompidas e sonhos desfeitos. Na perspectiva da Gestalt-Terapia, o luto é visto como um movimento dinâmico e único para cada indivíduo, caracterizado pela necessidade de acolher e elaborar as emoções emergentes a fim de ressignificar a vivência e integrar a perda em uma nova percepção de si e do mundo (Sousa, 2016).

Esse processo de luto auxilia o enlutado a: “1) aceitar a realidade da perda; 2) reconhecer e lidar com a dor da perda; 3) fazer ajustamentos em diferentes níveis, externos e internos; 4) reenquadrar emocionalmente aquele que não está mais presente; e 5) integrar emocionalmente a perda” (Worden, 2008, p. 103). Essas etapas são fundamentais para que o indivíduo consiga entrar em contato com seus sentimentos mais profundos e, gradualmente, atribua um novo significado à experiência vivida. Logo, a Gestalt-Terapia possibilita ao enlutado a oportunidade de enfrentar e elaborar a perda como parte de sua realidade, reconhecendo-a como um aspecto essencial do seu mundo fenomenológico, promovendo, assim, um processo de reorganização interna diante da ausência significativa (Freitas & Michel, 2007).

A compreensão do luto e da perda gestacional, sob uma ótica existencial, destaca a

natureza relacional e simbólica do vínculo com o bebê. O luto decorrente da morte de um bebê que já fazia parte do imaginário da mulher, mas que não se concretiza na realidade, implica um processo de reajustamento psicológico individual e familiar (Vescovi & Lewandowski, 2023). Nesse sentido, a Gestalt-Terapia busca acolher e validar o luto gestacional como uma vivência legítima e complexa, auxiliando a pessoa enlutada a tomar consciência de suas emoções e a integrá-las de maneira saudável (Freitas, 2018).

Tendo isso em vista, a escolha de realizar uma revisão bibliográfica sobre a perda gestacional e a elaboração do luto sob a perspectiva da Gestalt-Terapia se justifica pela falta de trabalhos correlacionando a temática em questão com a abordagem gestáltica e pela necessidade de reunir e sistematizar o conhecimento existente acerca dessa experiência traumática e frequentemente negligenciada. A perda gestacional representa um fenômeno que impacta profundamente a vida das mulheres e de suas famílias, gerando um processo de luto que nem sempre é devidamente reconhecido ou validado pela sociedade e pelas práticas de saúde (Carvalho et al., 2021).

Dada a relevância dessa temática, este estudo tem como objetivo geral apresentar como a Psicologia, com ênfase na abordagem da Gestalt-Terapia, pode contribuir para a elaboração do luto em mulheres que sofreram perda gestacional. Os objetivos específicos são:

- Identificar os aspectos emocionais e psicológicos do luto na perda gestacional, destacando as principais estratégias de enfrentamento nesse processo;
- Compreender como a Gestalt-Terapia oferece suporte às mulheres enlutadas para que possam lidar com a dor da perda e acolher essa experiência;
- Apontar os principais sentimentos, necessidades e dificuldades relatados por mulheres que vivenciaram a perda gestacional.

Metodologia

Foi realizado um estudo de revisão bibliográfica, o qual consiste na análise de publicações já existentes sobre um tema, permitindo a síntese e a organização do conhecimento na área. Esse método é essencial para identificar avanços, debates e lacunas teóricas, servindo como base para novas pesquisas (Gil, 2019). Segundo Lakatos e Marconi (2020), a revisão bibliográfica proporciona um embasamento teórico sólido, possibilitando ao pesquisador uma visão crítica e aprofundada do assunto.

Na pesquisa bibliográfica, foram analisadas bases de dados científicas, tais como: CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), BVS (Biblioteca Virtual em Saúde) e LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), partindo dos descritores “Perda Gestacional AND Psicologia AND Luto AND/OR Luto Materno”, todos indexados no sistema de Descritores em Ciência da Saúde (DeCS) e conectados por operadores booleanos, tornando possível encontrar estudos mais específicos da temática desejada.

Os critérios de inclusão foram: estudos com qualquer desenho que investigue a elaboração do luto pela perda gestacional; estudos publicados nas bases de dados escolhidas; e estudos que se encaixam no corte temporal pré-estabelecido (publicações dos últimos 10 anos).

Foram excluídos: comentários, editoriais, teses, capítulos de livros e cartas ao editor que não apresentam dados de pesquisa; estudos duplicados ou com sobreposição significativa de dados, identificados por meio de análise manual detalhada de conteúdo; e publicações que não estão disponíveis por completo.

Dessa forma, o processo de seleção e extração dos dados ocorreu em quatro fases. Na fase 1 (Identificação) foi realizada a busca dos estudos e verificou-se quais eram duplicados para serem removidos; na fase 2 (Triagem) foi feita a leitura dos títulos e resumos dos artigos e foram aplicados os critérios de exclusão; na fase 3 (Elegibilidade) foi realizada a busca

manual e leitura dos artigos na íntegra, com a seleção daqueles que atenderam a todos os critérios de inclusão; na fase 4 (Inclusão) foi construída uma tabela com identificação, objetivos, método, resultados e conclusões com posterior síntese qualitativa dos estudos finais selecionados.

Tabela 1

Estratégia de Busca

Base de Dados	Descritores	Resultados
CAPES	Perda Gestacional; Psicologia; Luto; Luto Materno.	36
BVS		161
LILACS		24
Total		221

No total foram encontrados nas bases de dados 221 artigos que demonstraram compatibilidade com os descritores pela busca avançada. Desses trabalhos, 36 artigos foram encontrados na CAPES, 161 na BVS e 24 na LILACS. Os artigos foram filtrados pelas especificidades oferecidas pelo sistema de pesquisa das bases, sendo selecionados apenas aqueles que entraram nos critérios de inclusão pré-estabelecidos.

Diante disso, incluindo o filtro de trabalhos publicados nos últimos 10 anos (2015 a 2025), ficaram 32 artigos da CAPES, 71 da BVS e 13 da LILACS, totalizando 116 artigos que se adequavam ao período de tempo escolhido. Dentre estes, houve a exclusão de 16 artigos duplicados e com sobreposição de dados, restando 100.

Na fase de leitura de títulos, 72 foram excluídos por incompatibilidade com o tema e restaram 28. Destes, 4 artigos não estavam disponíveis por completo e 14 tiveram seus resumos lidos e excluídos de acordo com a inconformidade do assunto. Dessa maneira, foram selecionados 10 artigos para análise e leitura na íntegra.

Os registros foram lidos e 6 foram excluídos. Deles, 3 foram retirados por também

serem classificados como artigos de revisão bibliográfica; 1 foi retirado por trabalhar apenas a percepção de casais que vivenciaram a perda gestacional sobre o apoio social e não sobre o luto em si; 1 se limitou ao debate teórico sobre perda gestacional e deixou de apresentar os processos de elaboração do luto perinatal; e 1 foi retirado por se tratar de um estudo psicanalítico acerca da gestação de novos filhos após uma situação de perda gestacional, não se enquadrando na abordagem tematizada. Finalmente, 4 artigos foram classificados para a produção da síntese qualitativa dos dados.

Para melhor entendimento do processo de busca e seleção dos trabalhos foi desenvolvido um Diagrama de Fluxo que contém as fases de identificação, triagem, elegibilidade e inclusão com quantidades e declaração explicativa dos motivos de inclusão dos artigos para análise final.

Figura 1

Diagrama de Fluxo

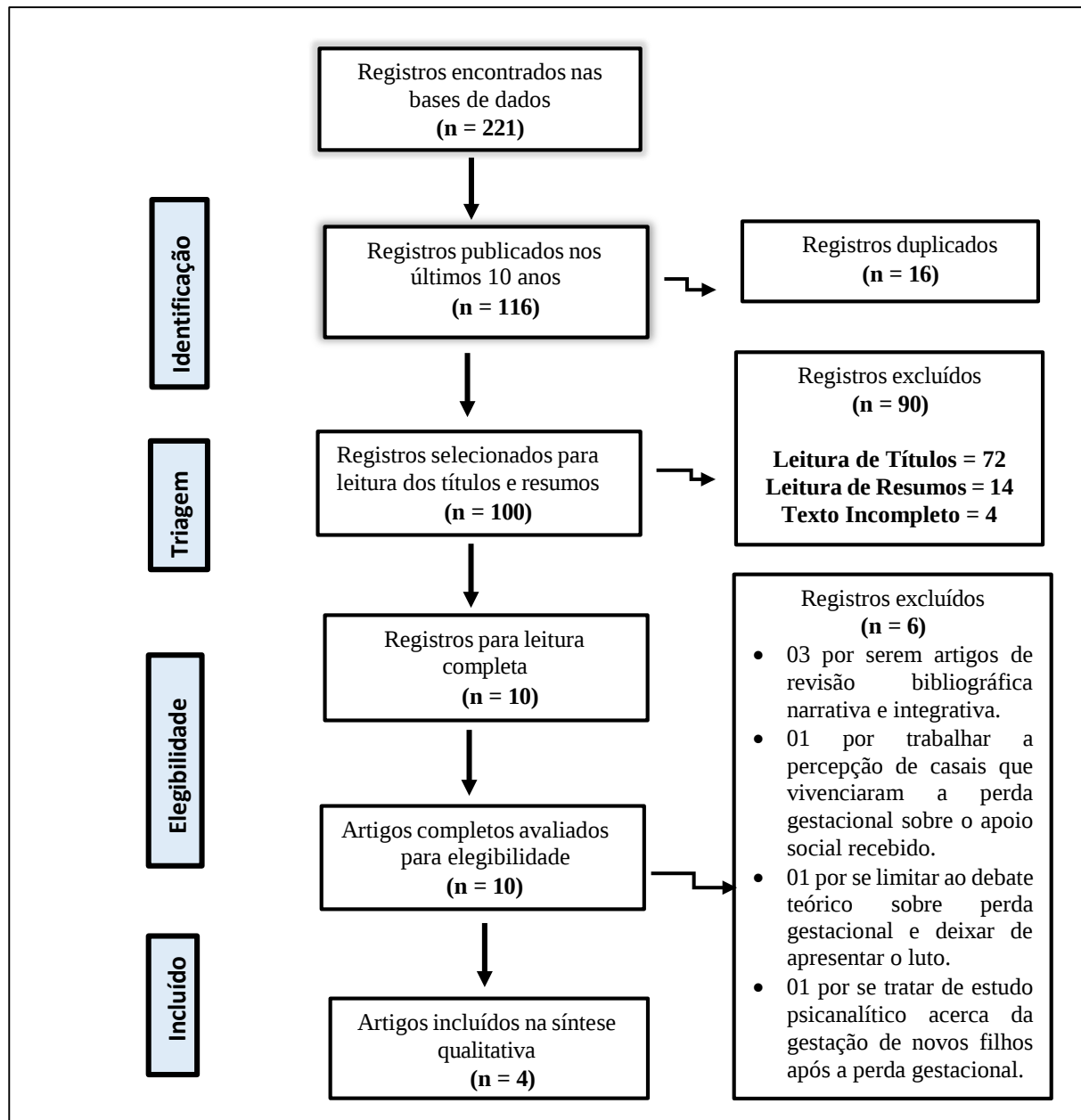


Tabela 2

Síntese Descritiva dos Estudos Incluídos

Título do Artigo	Autores e Ano de Publicação	Objetivo	Metodologia	Resultados	Conclusão
1. Concepções Sobre Morte e Luto: experiência feminina sobre a perda gestacional	Lemos e Cunha (2015)	Investigar como as mulheres vivenciam e enfrentam a perda gestacional, considerando aspectos cognitivos (percepções e significados) e emocionais (sentimentos).	Estudo qualitativo descritivo com 11 mulheres internadas em uma maternidade pública do Rio de Janeiro. O estudo utilizou entrevistas abertas analisadas por meio da Análise de Conteúdo de Bardin para coletar as informações das mães.	A perda gestacional gerou choque, tristeza e sentimento de impotência nas mães. Muitas mulheres buscaram atribuir significado à perda e relataram dificuldades com a falta de reconhecimento social do luto gestacional, carregado de estigmas.	O suporte familiar e da equipe de saúde é essencial para a elaboração do luto. O estudo destaca a necessidade de um espaço para expressão emocional e validação da experiência de perda.
2. Construção de Significados na Perda Gestacional: estudo qualitativo com casais brasileiros	Vescovi, Corrêa, Frizzo, Dias e Lewandowski (2022)	Investigar o processo de construção de significado na perda gestacional em casais brasileiros.	Estudo qualitativo exploratório-descritivo com 11 casais, utilizando entrevistas semiestruturadas e análise temática dedutiva e indutiva baseada no modelo integrativo de construção de significado no luto.	Os participantes relataram dificuldades em atribuir sentido à perda, mas destacaram o fortalecimento do vínculo conjugal como um benefício. Estratégias de enfrentamento incluíram espiritualidade e busca por apoio em redes sociais.	O processo de significado na perda gestacional é semelhante ao de outros tipos de luto, validando essa experiência. O estudo sugere a inclusão de uma nova dimensão no modelo teórico, considerando gênero, reconhecimento social e intensidade emocional da vivência.

3. Morte na Maternidade: intervenção psicológica em um grupo de mães enlutadas	Menezes e Marciano (2019)	Apresentar um trabalho de intervenção psicológica em um grupo de mães enlutadas para facilitar a elaboração do luto.	Foram realizados seis encontros quinzenais com mães que perderam seus bebês na maternidade. As sessões seguiram as fases do luto propostas por Kubler-Ross: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação.	O grupo proporcionou um espaço para expressão da dor e construção coletiva de significados. Muitas mães relataram intenso sentimento de culpa e dificuldade em aceitar a perda.	O suporte psicológico em grupo mostrou-se eficaz na elaboração do luto materno, prevenindo possíveis complicações emocionais futuras. A troca entre mães enlutadas favoreceu o enfrentamento e a aceitação da perda.
4. Percepção Materna Sobre o Luto do Natimorto e Impactos Biopsicossociais	Medeiros, Yamashita, De Souza, Oliveira, De Lima Lúcio e Pereira (2022)	Analisar os impactos biopsicossociais na vida da mãe e a atuação dos profissionais de saúde em relação ao processo de luto materno no município de Castanhal – Pará.	Pesquisa descritiva e quantitativa realizada com mães enlutadas por meio de entrevistas e questionários sociodemográficos. A coleta de dados ocorreu presencialmente na residência das participantes.	A maioria das mulheres não recebeu suporte psicológico adequado após a perda do bebê. O luto materno foi descrito como um processo marcado por memórias traumáticas, crises depressivas e ansiedade. Além disso, houve relatos de atendimento inadequado por parte das equipes de saúde, evidenciando a necessidade de capacitação dos profissionais.	A pesquisa destacou que o luto materno perinatal é uma experiência de grande sofrimento, que impacta significativamente a vida das mães e seus familiares. A assistência psicológica e o acolhimento adequado por parte dos profissionais de saúde são fundamentais para minimizar os efeitos negativos dessa vivência.

O primeiro estudo, “Concepções Sobre Morte e Luto: experiência feminina sobre a perda gestacional”, de Lemos e Cunha (2015), investigou como mulheres vivenciam e enfrentam a perda gestacional, considerando tanto aspectos cognitivos quanto emocionais. A pesquisa foi qualitativa e descritiva, realizada com 11 mulheres internadas em uma maternidade pública do Rio de Janeiro. As entrevistas abertas analisadas segundo a Análise de Conteúdo de Bardin revelaram que a perda gestacional gerou sentimentos de choque, tristeza e impotência. Muitas participantes buscaram atribuir significado à perda e relataram dificuldades relacionadas à falta de reconhecimento social do luto, que ainda é carregado de estigmas. O estudo enfatizou a importância do suporte familiar e profissional para a elaboração do luto, destacando a necessidade de um espaço para expressão emocional e validação dessa experiência.

O segundo estudo, “Construção de Significados na Perda Gestacional: estudo qualitativo com casais brasileiros”, de Vescovi et al. (2022), teve como objetivo investigar o processo de construção de significado na perda gestacional em casais brasileiros. A pesquisa utilizou um método qualitativo exploratório-descritivo, conduzindo entrevistas semiestruturadas com 11 casais e aplicando análise temática dedutiva e indutiva baseada no modelo integrativo de construção de significado no luto. Os resultados mostraram que os participantes enfrentaram dificuldades para atribuir sentido à perda, mas que, para alguns, o evento resultou no fortalecimento do vínculo conjugal. Estratégias de enfrentamento incluíram o uso da espiritualidade e a busca por apoio em redes sociais. O estudo concluiu que o processo de construção de significado na perda gestacional é semelhante ao de outros tipos de luto, validando essa vivência e sugerindo a inclusão de novas dimensões teóricas, como gênero, reconhecimento social e intensidade emocional diante da perda.

O terceiro estudo, “Morte na Maternidade: intervenção psicológica em um grupo de mães enlutadas”, de Menezes e Marciano (2019), apresentou uma intervenção psicológica

voltada para mães que perderam seus bebês na maternidade, com o objetivo de facilitar a elaboração do luto. A intervenção consistiu em seis encontros quinzenais conduzidos por profissionais de Psicologia, seguindo as fases do luto propostas por Kübler-Ross: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Os resultados indicaram que o grupo proporcionou um espaço seguro para a expressão da dor e a construção coletiva de significados. Muitas mães relataram forte sentimento de culpa e dificuldades para aceitar a perda. O estudo concluiu que o suporte psicológico em grupo foi eficaz na elaboração do luto materno, ajudando as participantes a enfrentarem o sofrimento de forma mais saudável e prevenindo complicações emocionais futuras.

O quarto estudo, “Percepção Materna Sobre o Luto do Natimorto e Impactos Biopsicossociais”, de Medeiros et al. (2022), analisou os impactos biopsicossociais da perda de um natimorto e avaliou a atuação dos profissionais de saúde no acolhimento dessas mães. A pesquisa utilizou um método descritivo e quantitativo, aplicando entrevistas e questionários sociodemográficos a mães enlutadas no município de Castanhal, no Pará. Os resultados mostraram que a maioria das mulheres não recebeu suporte psicológico adequado após a perda do bebê, o que gerou memórias traumáticas, crises depressivas e ansiedade. Além disso, muitos relatos apontaram falhas no atendimento profissional, evidenciando a necessidade de capacitação dos profissionais de saúde para lidar com esse tipo de luto. O estudo concluiu que o luto materno perinatal tem grande impacto emocional e social, reforçando a necessidade de assistência psicológica e acolhimento adequado para minimizar os efeitos negativos dessa vivência.

Resultados e Discussão

Com base nos artigos analisados foi possível compreender que a experiência da perda gestacional é uma vivência marcada por dor, frustração e desafios emocionais profundos, sendo

muitas vezes inviabilizada socialmente. Esses estudos, por sua vez, demonstram que esse luto vai além da dimensão biológica, envolvendo aspectos emocionais, sociais e existenciais. Embora nenhum deles trate especificamente da Gestalt-Terapia, todos apontam para fenômenos subjetivos e a necessidade de um espaço de integração, o que dialoga com os princípios dessa abordagem. A Gestalt-Terapia, dessa forma, enfatiza a vivência do presente, a validação da dor e a busca por significado (Lucas Freitas, 2013), elementos que se mostram fundamentais no acolhimento diante da perda e na elaboração do luto materno.

Os estudos revisados, portanto, convergem ao apontar para a importância da ressignificação da perda como parte fundamental do processo de luto, tanto dos pais do bebê quanto do restante da família. Isso corrobora o incentivo à vivência plena do momento presente, trazido na introdução deste trabalho por Sousa (2016), a fim de possibilitar que as mulheres integrem essa experiência à sua história sem ficar presas ao sofrimento e à ausência da criança que já estava formada em seu imaginário.

Diante da análise detalhada dos resultados, Lemos e Cunha (2015) destacam que a perda gestacional é frequentemente desconsiderada como um luto legítimo, gerando uma sensação de isolamento para as mulheres que passam por essa experiência. O estudo aponta que, devido à ausência de rituais formais de despedida e à falta de reconhecimento social da dor, muitas mulheres têm dificuldades em expressar seu sofrimento. Esse achado está alinhado com a ideia de que o luto precisa ser vivido e elaborado e que a falta de espaço para essa expressão pode gerar um sofrimento prolongado (Fukumitsu, 2012).

Vescovi et al. (2022), por sua vez, exploram o processo de construção de significado na perda gestacional e ressaltam que, para muitos casais, a espiritualidade e o compartilhamento da dor foram essenciais para ressignificar a experiência. O estudo evidencia que, ainda que a dor da perda seja intensa, há possibilidades de transformação, seja pelo fortalecimento do vínculo conjugal ou pela busca de novos sentidos para a vivência. Essa

perspectiva reforça a importância do contato pleno com a experiência emocional, um princípio também valorizado na Gestalt-Terapia, que incentiva o indivíduo a reconhecer e integrar suas emoções em seu processo de crescimento (Freitas, 2018).

Menezes e Marciano (2019), em sua pesquisa empírica, apresentam uma proposta de intervenção em grupo para mães enlutadas, mostrando que o suporte psicológico pode ser determinante na forma como a perda é vivenciada. O estudo aponta que compartilhar a dor com outras mulheres que passaram pela mesma experiência contribui para a aceitação da perda e para a elaboração do luto. Essa abordagem enfatiza o valor do suporte coletivo e a importância de um ambiente seguro para a expressão da dor, o que está em sintonia com a ideia gestáltica de que o contato autêntico com o outro pode ser um fator de cura e transformação (Cardella, 2002).

Já Medeiros et al. (2022) ressaltam os impactos biopsicossociais do luto perinatal e a falta de preparo dos profissionais de saúde para lidar com essa situação. Muitas mulheres relataram não ter recebido acolhimento adequado, o que agravou os aspectos emocionais da perda. O estudo reforça que a ausência de suporte psicológico pode intensificar sentimentos de culpa, depressão e ansiedade, evidenciando a necessidade de abordagens mais humanizadas no atendimento. A Gestalt-Terapia, ao valorizar a escuta ativa e a aceitação incondicional dos fenômenos, oferece uma perspectiva complementar para esse cenário, pois permite que a mulher vivencie sua dor da maneira mais saudável possível (Martins & Albuquerque Lima, 2014).

Entre os quatro estudos analisados e o referencial teórico da introdução há um consenso sobre a necessidade de um suporte emocional contínuo para mulheres que vivenciam a perda gestacional. No entanto, algumas divergências surgem quanto aos métodos terapêuticos mais eficazes para esse acolhimento.

Dentre as principais estratégias de enfrentamento para a perda gestacional, verificam-se nos diferentes estudos a expressão emocional e social do luto (Lemos & Cunha, 2015), a

construção de significados e o suporte conjugal (Vescovi et al., 2022), a participação em grupos de apoio e a criação de rituais de despedida (Menezes & Marciano, 2019), o acolhimento profissional desde os primeiros momentos da perda (Medeiros et al., 2022), o suporte social adequado advindo de uma compreensão genuína do luto perinatal (Barth et al., 2020), o enfrentamento através do processo de reorganização interna diante da ausência significativa (Worden, 2008) e o reajustamento psicológico individual e familiar (Vescovi & Lewandowski, 2023).

Enquanto alguns estudos ressaltam a importância de grupos de apoio para compartilhar experiências e construir novas narrativas sobre a perda, outros sugerem que a abordagem individualizada é mais efetiva, pois permite um aprofundamento no contato com as emoções emergentes. Essa diferença não invalida nenhum dos pontos de vista, mas reforça a ideia da Gestalt-Terapia de que cada indivíduo tem sua forma única de processar o luto. O que funciona para uma pessoa pode não ser adequado para outra e o papel do terapeuta é estar atento a essa singularidade, ajustando sua abordagem conforme a necessidade da paciente (Yontef, 1998).

Portanto, embora as abordagens variem, todas reforçam a importância de validar a dor da perda e oferecer suporte adequado às mulheres enlutadas, permitindo que elas integrem essa experiência de maneira saudável ao longo de suas vidas. Ainda, os resultados das pesquisas analisadas demonstram que o luto gestacional é um processo subjetivo e complexo, que exige, acima de tudo, reconhecimento e acolhimento. Mesmo que nenhum dos estudos aborde diretamente a Gestalt-Terapia, todos apontam para elementos fundamentais dessa abordagem. Dessa forma, percebe-se que a Gestalt-Terapia pode ser uma via potente para auxiliar mulheres enlutadas a integrarem sua dor de maneira saudável, permitindo que sigam em frente sem negá-la, mas ressignificando-a em sua trajetória de vida.

Esta pesquisa, por conseguinte, apresenta diversos pontos fortes que contribuem para sua relevância e originalidade no campo da Psicologia, especialmente no que tange à abordagem

do luto gestacional. Em primeiro lugar, destaca-se a escolha do tema, que envolve uma experiência humana profunda e frequentemente silenciada: a perda gestacional. Ao abordar essa vivência a partir de um olhar gestáltico, o estudo se propõe a preencher uma lacuna importante na literatura, visto que há poucos trabalhos que relacionam diretamente essa temática com os fundamentos da Gestalt-Terapia.

A análise qualitativa dos quatro artigos finais permitiu identificar, com sensibilidade, aspectos emocionais, sociais e existenciais da perda gestacional, em consonância com os princípios da Gestalt-Terapia, mesmo que nenhum dos estudos tenha abordado diretamente essa abordagem. Com isso, a pesquisa traz contribuições importantes para a prática clínica, ao indicar possibilidades de acolhimento mais humanizado e estratégias de compreensão da dor a partir dos fundamentos gestálticos.

Contudo, algumas limitações também se fazem presentes e devem ser consideradas. A principal delas diz respeito à escassez de estudos que abordem especificamente a perda gestacional sob a ótica da Gestalt-Terapia. Essa ausência dificultou uma análise mais aprofundada sobre a aplicação prática da abordagem terapêutica da Gestalt nesse contexto específico, sendo encontrados com mais facilidade estudos psicanalíticos e comportamentais que exploram a temática da perda gestacional.

Outra limitação relevante é o fato de a pesquisa se basear exclusivamente em revisão bibliográfica. A ausência de coleta de dados empíricos, como entrevistas com mulheres enlutadas ou observações clínicas, impede o acesso direto às experiências subjetivas relacionadas ao luto gestacional e à vivência terapêutica gestáltica. Além disso, os estudos analisados apresentam métodos qualitativos semelhantes, o que pode reduzir a diversidade metodológica e a amplitude de perspectivas sobre o tema.

Apesar dessas limitações, o trabalho oferece uma importante contribuição para o campo da Psicologia clínica, sinalizando a necessidade de novas investigações que articulem

diretamente a Gestalt-Terapia com o luto gestacional. A partir desta pesquisa, evidencia-se a urgência de aprofundar esse diálogo e de ampliar o suporte oferecido às mulheres que enfrentam esse tipo de perda, reconhecendo sua dor e proporcionando espaços terapêuticos de escuta, cuidado, acolhimento e ressignificação.

Considerações Finais

A perda gestacional é uma experiência profundamente dolorosa, frequentemente silenciada pela sociedade e negligenciada nos serviços de saúde. Este estudo buscou compreender a elaboração do luto materno diante dessa vivência, destacando estratégias que podem auxiliar nesse processo. A literatura analisada evidenciou a importância do reconhecimento social da perda, da possibilidade de expressar a dor e da construção de novos significados como formas de enfrentamento. No entanto, observou-se que, apesar de o tema ser discutido sob uma perspectiva fenomenológico-existencial e de haver conceitos alinhados a essa vertente, não foram encontrados estudos específicos da Gestalt-Terapia que abordem diretamente a elaboração do luto gestacional.

Essa ausência indica uma lacuna importante na literatura, visto que a Gestalt-Terapia, com sua ênfase na vivência plena do aqui-agora, na aceitação do sofrimento e na integração da experiência à história de vida da pessoa enlutada, poderia oferecer contribuições valiosas para essa temática. Além disso, os desafios enfrentados pelas mulheres enlutadas, como a falta de reconhecimento social e o despreparo dos profissionais de saúde, reforçam a necessidade de pesquisas que promovam um olhar mais humanizado e inclusivo para esse luto. Assim, recomenda-se que futuras investigações explorem a relação entre a Gestalt-Terapia e a perda gestacional, analisando como seus princípios podem ser aplicados na prática clínica e quais benefícios essa abordagem pode trazer para a vivência do luto.

Por fim, percebe-se que ainda há um longo caminho para garantir que mulheres que

vivenciam essa perda tenham sua dor legitimada e recebam suporte adequado. Além de pesquisas que aprofundem a aplicação da Gestalt-Terapia nesse contexto, sugere-se a realização de estudos que avaliem a efetividade de diferentes intervenções, como rituais simbólicos, grupos terapêuticos e estratégias de ressignificação da perda. Compreender esse luto de forma mais ampla é essencial para que ele seja acolhido não apenas na clínica psicológica, mas também nos espaços sociais e familiares, permitindo que as mulheres encontrem suporte para seguir adiante sem que sua dor seja minimizada ou invisibilizada.

Referências

- Alves, R. S. S., & Araújo Celestino, K. A. (2020). De Braços Vazios, Nos Braços da Dor: perda gestacional e neonatal. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento*, 9(11), 1-12.
<https://www.revistaremeccs.com.br/index.php/remecs/article/view/523>
- Amthauer, C., Sand, I., Hildebrandt, L., Linck, C., & Girardon-Perlini, N. (2012). Práticas assistenciais na perda gestacional: vozes de profissionais de saúde da família. *Ciência, Cuidado e Saúde*, 11(1), 81-88.
<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/18862>
- Barth, M. C., Vescovi, G., & Lewandowski, D. C. (2020). Percepção de Casais que Vivenciaram Perda Gestacional sobre o Apoio Social. *Psicologia Argumento*, 38(102), 772-791.
<https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/27079>
- Camarneiro, A. P. F., Maciel, J. C. S. C., & da Silveira, R. M. G. (2015). Vivências da interrupção espontânea da gravidez em primigestas no primeiro trimestre gestacional: um estudo fenomenológico. *Revista de Enfermagem Referência*, 4(5), 109-117.
<https://www.redalyc.org/pdf/3882/388241158015.pdf>
- Cardella, B. H. P. (2002). *A Abordagem Gestáltica*. Em B. H. P. Cardella. *A Construção do Psicoterapeuta*. São Paulo: Summus. p. 33-65.

- Carvalho, M. V. G., Santana, S. D. F., & Alexandria, P. T. M. (2021). Aspectos relacionados ao luto perinatal. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, 5(15), 105- 123. <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/luto-perinatal>
- Freitas, J. D. L. (2018). Luto, pathos e clínica: uma leitura fenomenológica. *Psicologia USP*, 29(1), 50-57. <https://www.scielo.br/j/pusp/a/7XBPBJQ4PLgrXc9pTyCDSTw/>
- Freitas, J. D. L. & Michel, L. H. F. (2007). A maior dor do mundo: o luto materno em uma perspectiva fenomenológica. *Psicologia em estudo*, 19(2), 273-283. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/psi-62635>
- Fukumitsu, K. (2012). *Perdas No Desenvolvimento Humano: um estudo fenomenológico* (2a ed.). São Paulo: Digital Publish & Print Editora.
- Fukumitsu, K. (2018). *Vida, morte e luto*. São Paulo: Summus.
- Gil, A. C. (2019). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (7a ed.). São Paulo: Atlas.
- Gonçalves, P. C. & Bittar, C. M. L. (2016). Estratégias de enfrentamento no luto. *Mudanças-Psicologia da Saúde*, 24(1), 39-44. https://www.researchgate.net/publication/309513616_Estrategias_de_Enfrentamento_no_Luto
- Lakatos, E. M. & Marconi, M. A. (2020). *Fundamentos de Metodologia Científica* (8a ed.). São Paulo: Atlas.
- Lemos, L. F. S. & Cunha, A. C. B. D. (2015). Concepções sobre morte e luto: experiência feminina sobre a perda gestacional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 35(4), 1120-1138. <https://www.scielo.br/j/pcp/a/hdydgBr4rBQJthMgXSf3q5n/abstract/?lang=pt>
- Lucas Freitas, J. (2013). Luto e Fenomenologia: uma proposta compreensiva. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, 19(1), 97-105. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-

[68672013000100013](#)

Martins, M. & Albuquerque Lima, P. V. (2014). Contribuições da Gestalt-terapia no enfrentamento das perdas e da morte. *Revista IGT na Rede*, 11(20), 3-39.

https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-

[25262014000100002](#)

Medeiros, H. P., Yamashita, G. E. C. B., de Souza, I. S., De Oliveira, J. E. L., De Lima Lúcio, L. V., & Pereira, N. M. (2022). Percepção materna sobre o luto do natimorto e impactos biopsicossociais. *Brazilian Journal of Development*, 8(7), 52139-52151.

<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/50426>

Menezes, N. R. C. & Marciano, R. P. (2019). Morte na maternidade: intervenção psicológica em um grupo de mães enlutadas. *Perspectivas em Psicologia*, 23(1), 176-189.

Organização Mundial da Saúde (2024). *O estigma e a vergonha inaceitáveis que as mulheres enfrentam após a perda de um bebê devem acabar*. Site Oficial da OMS.

Santos, G. C. B. F. (2017). Intervenção do profissional de saúde mental em situações de perda e luto no Brasil. *Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer*, 2(3), 116-137.

<https://www.redalyc.org/pdf/3882/388241158015.pdf>

Sousa, L. E. E. M. (2016). O processo de luto na abordagem gestáltica: contato e afastamento, destruição e assimilação. *Revista IGT na Rede*, 13(25), 253-272.

<https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1807->

[25262016000200006&script=sci_abstract](#)

Vescovi, G. & Lewandowski, D. C. (2023). Percepção sobre o cuidado à perda gestacional: estudo qualitativo com casais brasileiros. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 43, 1-17.

<https://www.scielo.br/j/pcp/a/j7KK37rYQfJMjHJqCdkYfmw/>

Vescovi, G., Corrêa, M. A., Frizzo, G. B., Dias, A. C. G., & Lewandowski, D. C. (2022).

Construção de Significados na Perda Gestacional: estudo qualitativo com casais

brasileiros. *Psico-USF*, 27, 411-424.

<https://www.scielo.br/j/pusf/a/Ym9tRhLCxH8yHcsvBHkZc5s/abstract/?lang=pt>

Visintin, C. D. N., Inacarato, G. M. F., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2020). Imaginários de mulheres que sofreram perda gestacional. *Estilos da Clínica*, 25(2), 193-209.

https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282020000200002

Worden, J. W. (2008). *Grief counseling and grief therapy: a handbook for the mental health practitioner* (4a ed.). New York, NY: Springer.

Yontef, G. M. (1998). *Processo, diálogo e awareness: ensaios em Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus editorial.